

AGOSTINHO E A ILUMINAÇÃO TRINITÁRIA

*Cristiane N. Abbud Ayoub**

AYOUB, C. N. A. (2011). "Agostinho e a iluminação trinitária". *Archai* n. 7, jul-dez 2011, pp. 11-23.

RESUMO: Segundo Agostinho, a iluminação é uma ação unilateral de Deus nas criaturas. O agente iluminador, por sua vez, é pensado a partir da definição de Deus como Trindade " Pai, Filho e Espírito Santo " e a ação de cada uma dessas pessoas pode corresponder a um sentido específico de iluminação. A Luz divina faz as criaturas e estabelece nelas uma estrutura trina e semelhante à Trindade, qual seja, o ser, a forma e o peso. Este trabalho investiga como a iluminação incide sobre as criaturas e, especialmente, sobre o homem.

PALAVRAS-CHAVE: iluminação, semelhança, medida, número, peso

AUGUSTINE AND TRINITARIAN ILLUMINATION

ABSTRACT: According to Augustine, enlightenment is a unilateral act from God upon creatures. The enlightening agent is thought of from the definition of God as Trinity — Father, Son, and Holy Spirit — and the action of each of these persons may correspond to a particular sense of enlightenment. Divine Light gives origin to creatures and establishes in them a trine structure — namely, being, shape, and weight — akin to Trinity itself. This study examines how enlightenment bears upon creatures, and particularly upon man.

KEYWORDS: enlightenment, similitude, measure, number, weight

* Professora do Curso de Filosofia do Centro Universitário São Camilo (SP); secretária do CEPAME (Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval). E-Mail: cristiane.n.a.a@gmail.com

Pesquisar o significado da iluminação divina nos textos de santo Agostinho é desafiador, uma vez que o tema foi amplamente estudado e agregou diversas interpretações, por vezes divergentes. A proposta de interpretação aqui apresentada vem defender a importância de se pensar a iluminação para além da tradicional ênfase epistemológica, que considera a iluminação divina como ação da luz de Deus na razão humana. Será indicado e justificado que medida, número e peso correspondem respectivamente à ação luminosa de Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Para tanto, seguiremos aqui dois passos: depois de resumido o histórico das pesquisas sobre a doutrina agostiniana da iluminação, iremos aos fundamentos que autorizam afirmar a necessidade de ampliar o que historicamente foi concebido como a significação da iluminação na filosofia de Agostinho.

Um ambiente conceitual rigorosamente desenhado por renomados comentadores estabelece o que ficou conhecido como "a doutrina agostiniana da iluminação". Eles partem de uma definição tão verdadeira como polêmica: segundo Agostinho, a iluminação concerne ao conhecimento humano das Verdades divinas, sejam elas ideias eternas (como o Imutável, a

Verdade, o Eterno), sejam regras divinas (o imutável é preferível ao mutável, o verdadeiro ao duvidoso, o eterno ao temporal). A iluminação da razão humana seria uma ação divina unilateral sobre nossa razão, isto é, ação do Deus Eternidade, Sabedoria e Bondade na criatura mutável, temporal, racional, capaz de erros e pecaminosa.

Essa linha de interpretação é a marca da maioria das pesquisas transcorridas até 1862. O cerne dessa querela de 15 abordagens distintas em debate frontal foi resumido por Thonnard no histórico volume da revista *Recherches Augustiniennes*, consagrada à grande temática¹. Define ele iluminação como:

[...] a teoria que se propõe a explicar todo conhecimento pela noção de luz. [...] A teoria filosófica que explica pela luz da Verdade subsistente, ou seja, pela ação da Inteligência divina, a presença de verdades eternas conhecidas pela sabedoria em nossos espíritos. (THONNARD, 1962, p. 174-175, grifos nossos)

A partir de 1962, esse horizonte muda drasticamente. Os estudos destinados à doutrina da iluminação se interrompem, “como se a querela relativa à importância da abstração e da elaboração de conceitos houvesse extenuado a curiosidade dos pesquisadores” (DOUCET, 1999, p. 31).

Em 1999, Dominique Doucet propõe, em sua tese doutoral, “um estudo lexical a fim de desatar a pesquisa de toda tentação de concordismo com uma teoria filosófica dominante” (DOUCET, 1999, p. 37)². No entanto, pelo que pudemos observar, sua abordagem funciona mais como alerta sobre o rumo e o histórico da questão do que como interpretação historicamente importante.

As interpretações consolidadas enfocam o aspecto epistemológico da iluminação divina no homem e constituem um panorama de pesquisa extremamente complexo e tortuoso, se não um legado algo confuso para o pesquisador do pensamento de Agostinho. Diante disso, a

possibilidade de outra linha de pesquisa necessariamente demandaria rebater, um a um, os grandes comentadores.

Avançar por esse caminho tornou-se tão inviável quanto evitá-lo. Contudo, ele é previsível e coerente com a metodologia agostiniana, a saber, sua hermenêutica. O comentário bíblico de Agostinho avança um critério amplo de verdade: a interpretação verdadeira deve ser coerente com o texto; entretanto a mais verdadeira tem a virtude de acolher todas as que são verdadeiras, sendo mais completa e inclusiva em relação às explanações parciais³.

A partir desse critério inclusivo de verdade, integraremos pesquisas coerentes com o texto de Agostinho, ainda que diverjam entre si mesmas. Incluiremos também a de Bourke (1992) (iluminação moral) e a de Vannier (1997) (iluminação ontológica). Notemos que Gilson (1987) limitou-se a sugerir uma interpretação mais abrangente, pois claramente privilegiou a iluminação racional. Uma única obra proporcionou apoio ao que aqui apresentaremos. Trata-se de *L'intelligence de la foi en la Trinité selon Saint Augustin: genèse de sa théorie jusqu'en 391*, de Du Roy (1966).

Em suma, as polêmicas entre os estudiosos parecem haver obliquado o estudo sobre a concepção agostiniana de iluminação e, de certo modo, reduziram seu valor ontológico e ético a serviço da “grande temática” do conhecimento racional.

Pensamos que a iluminação pode ser considerada no horizonte de uma rede dinâmica de relações complexas, mas cujo fundamento resume-se em uma relação simples e unilateral: Deus é sempre o agente iluminador e as criaturas são iluminadas por ele. Nessa perspectiva, santo Agostinho postula que toda criatura, em seu respectivo gênero, é “feita e iluminada” por Deus (*De Genesi ad litteram*, I, 3, 7).

A partir desse pressuposto, o polo divino amplia-se pela definição de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo e a cada uma dessas pessoas corresponde uma compreensão peculiar de iluminação: iluminação do Pai, iluminação do Filho e iluminação do Espírito.

1. De acordo com o levantamento de Cayré (1947, p. 209-243), contar-se-iam naquele momento nove comentários distintos, cinco dos quais estariam ultrapassados por incompatibilidade com o texto-matriz, enquanto os quatro restantes – dois contemporâneos (um dos quais elaborado pelo próprio Cayré) e dois medievais – deveriam ser retidos por sua fidelidade ao mesmo. Passados sete anos, em 1954, é realizado o Congresso Internacional Agostiniano, do qual resultou a publicação de *Augustinus Magister* (Band 1, S. 429-449, Paris, 1954), obra indispensável aos pesquisadores da filosofia de Agostinho. Naquela ocasião, V. Warnach, em “Erleuchtung und Einsprechung bei Augustinus” (*Augustinus Magister*, v. I, p. 307-315, Paris: Les Etudes Augustiniennes, 1954) ofereceu outra leitura sobre a temática da iluminação, importante segundo comenta Aimé Solignac em *Augustinus magister* (apud DOUCET, 1999), embora sua repercussão não lhe tenha feito justiça. Em 1962, a revista francesa *Recherches Augustiniennes* (v. 2, supplément à la *Revue des Études Augustiniennes*) consagra à mesma temática quatro de 19 artigos, escritos por F. Korner (“Abstraktion oder Illumination? Das ontologische Problem des augustinischen Sinneserkenntnis”, p. 81-109), A. Sage (“La dialectique de l'illumination”, p. 111-123), F.-J. Thonnard (“La notion de lumière en philosophie augustinienne”, p. 125-175) e C.-E. Schützinger (“Die augustinische Erkenntnislehre im Lichte neuer Forschung”, p. 177-203).

2. Infelizmente não tivemos acesso à tese, mas apenas ao artigo de Doucet (1999).

3. Cf. a discussão sobre a exegese mais correta do *Gênesis* bíblico no livro XII das *Confissões* de Agostinho.

4. "[...] hoc lumen non est lumen illud, quod est Deus; hoc enim creatura est, Creator est ille; hoc factum, ille qui fecit; hoc denique mutabile dum *uult* quod uolebat; et *scit*, quod nesciebat et *reminiscitur*, quod oblitum erat illud autem incommutabili uoluntate, ueritate, aeternitate persistit; et inde nobis est *initium existendi*, ratio *cognoscendi*, *lex amandi*, inde omnibus et irrationalibus animantibus *natura*, qua *uiuunt*, *uigor*, quo *sentiuunt*, *motus*, quo *adpetunt*; inde etiam omnibus corporibus *mensura*, ut subsistant, *numerus*, ut orientur, *pondus*, ut ordinentur. Itaque lumen illud Trinitas inseparabilis, unus Deus est."

O outro polo responde aos três modos de iluminação com a estrutura tripartite de todas as criaturas – medida, número e peso –, que é o cunho divino nas criaturas. Agostinho sintetiza:

[...] esta luz não é aquela luz que é Deus; com efeito, esta é criatura, aquela é o Criador; esta é feita, aquela quem fez; enfim, esta é mutável porque quer o que não queria, e sabe o que não sabia, e relembra o que havia esquecido, mas aquela persiste imutável vontade, verdade e eternidade e, então, para nós é o início do existir, a razão do conhecer, a lei do amar; então, para todos os seres animados e irracionais, é a natureza pela qual vivem, é o vigor pelo qual sentem, é o movimento pelo qual vão à busca. Então, também para todos os corpos é a medida para que subsistam, o número para que sejam embelezados, o peso para que sejam ordenados. Portanto, aquela luz é a Trindade inseparável, é o

*Deus Uno. (Contra Faustum manichaeum, XX, 7, grifos nossos)*⁴

Observamos uma relação de semelhança e diferenciação entre Deus e a criatura, relação que fundamenta a abordagem trinitária da iluminação e que é explicada por Agostinho a partir da estrutura metafísica do criado apresentada no *Livro da Sabedoria*: "Dispuseste tudo com medida, número e peso" ("*Omnia in mensura et numero et pondere disposuisti.*" — *Sb* 11,21). Cada um desses termos porta um significado profundo e complexo, herdado de tradições cristãs e não-cristãs (cf. AYRES, 1999, p. 551; PACIONI, 1999, p. 598-599). Em Agostinho, detalham a dependência das criaturas para com o Pai, o Filho e o Espírito e remetem à ação iluminadora de cada uma dessas pessoas. Seleccionamos alguns paralelismos sugeridos pelo texto citado, de acordo com o intuito deste artigo:

Deus é:	Eternidade	Verdade	Vontade
Trindade é:	Pai	Filho	Espírito
Deus age no homem como:	Início do existir	Razão do conhecer	Lei do amar
Homem:	Vive	Sabe	Quer
Deus age nos seres animados irracionais como:	Natureza pela qual vivem	Vigor pelo qual sentem	Movimento pelo qual vão à busca
A Trindade imprime nos seres animados irracionais:	Medida	Número	Peso

Cabe agora examinar brevemente cada um desses eixos e demonstrar que, se Agostinho identifica a iluminação divina como causa das criaturas; se Deus estabelece nelas semelhanças e diferenças em medida, número e peso; e se isso é identificado à ação iluminadora da Trindade; então será produtor ampliar a interpretação historicamente preponderante dessa temática exposta nos escritos de Agostinho, pois o autor pensa em iluminação trinitária.

Medida, número e peso são algumas vezes mencionados por Agostinho através de sinônimos: “medida” é referida como “modo”; “número”, como “forma”, “razão”, como “*species*” ou “ideia”; e “peso”, como “ordem”. De fato, estudos demonstram e detalham uma ampla rede de semelhanças que clareiam os termos aqui enfocados (Anexo 1). De modo geral, essa tríade consiste nos três fundamentos de todas as criaturas (espirituais e corporais) e define suas estruturas. Medida, número e peso não estão apenas nas pedras, no barro e em outras coisas moldáveis ou em corpos terrestres ou celestes; essa tríade se apresenta também nas criaturas espirituais, homens e anjos. Embora compareçam sempre, fazem-no distintamente segundo o gênero daquilo que constituem: “[todas as coisas] foram dispostas de modo que tivessem suas medidas próprias, números próprios e peso próprio” (“[omnia] disposita, ut haberent proprias mensuras suas et proprios numeros et proprium pondus” — *De Genesi ad litteram*, IV, 5, 12).

Essas dimensões afixam os fundamentos de todas as criaturas como uma participação de Deus, de sorte que mesmo a separação definitiva entre Criador e criaturas não indica um despojamento divino e sim um vínculo. Contudo, mesmo que Deus esteja presente em tudo (onipresença), permanece impermista e absolutamente superior em medida, número e peso. Tal superioridade consiste na potência inefável e singular de conceder toda medida, todo número e todo peso. Trata-se da onipotência divina de fazer o que somente Deus faz⁵.

Deus é suma Medida (*summum modum*), ou seja, Medida das medidas, pois controla e confere

medida aos corpos, aos espíritos e às mentes, atribuindo o ser com limites. Ademais, Agostinho postula que Deus é Medida sem medida, o que equivale a afirmar a incomensurabilidade divina, pois o criador independe de outrem para ser e para ser a Medida. Deus é também Número dos números e Número sem números, porque é ele o princípio das formas (ou números) concedidas às criaturas, princípio formador de todas. Entretanto, não pode ser formado, daí ser Número sem número, ou incalculável⁶. Enfim, Deus é o Peso dos pesos, pois confere peso a tudo que compõe o universo criado, isto é, atribui ordem a cada coisa, orquestrando harmonicamente a totalidade do universo. Ademais, é Peso sem peso, cujo repouso e cuja estabilidade encontram-se apenas nele mesmo. E como essas três dimensões metafísicas se apresentam no universo?

Examinemos brevemente os comentários de Agostinho ao *Gênesis* e o *Sobre a Trindade*, obra que resume a correspondência entre a Trindade divina e a tríade constitutiva das criaturas e em que Agostinho comenta a exegese de Hilário, segundo a qual nota-se “eternidade [...] no Pai, *species* na Imagem, uso no Dom” (“*Aeternitas [...] in Patre, species in Imagine, usus in Munere*” — *De Trinitate*, VI, 10, 11). Com efeito, toda **medida** das criaturas estabelece-se como ser e limite de ser concedidos pelo sumo ser, o ser divino. Há, portanto, uma cisão axial e intransponível entre o ser divino e os seres criados. Se Deus é o Ser em sentido pleno e verdadeiro, dada sua eternidade e imutabilidade, as criaturas, tendo sido criadas, mudam, e conseqüentemente não são eternas, ou seja, definitivamente são menos do que ele é. Mas a medida indica também alguma positividade, pois confirma algum nível de ser às criaturas, ou seja, consiste na fixidez daquilo que seria transitoriedade total e impõe limites à mudança das criaturas, que não podem mudar a ponto de deixarem de ser criaturas. Estas se modificam dentro de determinados parâmetros de crescimento e decréscimo, cuja ultrapassagem implica dissolução. Portanto, a medida demarca o ser das criaturas por distinção e semelhança a Deus, afirmando a existência relacional dos seres

5. Em *A natureza do Bem*, Agostinho explica que tudo é “a partir de Deus, seja grande, seja pequeno” (“*a Deo seu magna seu parua*” — *De natura boni*, 3), o que equivale a afirmar que o modo, a *species* e a ordem de tudo são a partir de Deus.

6. Cf. *De Genesi ad litteram*, IV, 3, 7 e 4, 8.

7. Decerto, o Filho é coeterno ao Pai porque nasce do Pai e não foi criado por ele, mas não é Eternidade.

8. Cf. *De Genesi ad litteram*, IV, 4, 8.

9. *Confessiones*, I, 7, 12.

10. Isabelle Koch (s.d.), em *Image et dissemblance: étude sur la notion d'image chez Platon et saint Augustin*, faz do conceito de *imago aequalis* o coração da concepção agostiniana de imagem.

11. Acerca da Imagem perfeita, Agostinho caracteriza-a como: "tanta congruentia, et prima aequalitas, et prima similitudo, nulla in re dissidens, et nullo modo inaequalis, et nulla ex parte dissimilis, sed ad identidem respondes ei cuius imago est" (*De Trinitate*, VI, 10, 11).

12. "[...] [perfecta imago] tanquam Verbum perfectum, cui non desit aliquid, et ars quaedam omnipotentis atque sapientis Dei, plena omnium rationum uiuentium incommutabilium; et omnes unum in ea, sicut ipsa unum de uno, cum quo unum."

13. É na imagem que Deus conhece tudo que fez, pois não conhece as criaturas na transição do tempo, uma vez que o conhecimento que tem não é causado pela existência delas e sim sua causa.

14. Nenhum corpo pode perder a forma da corporeidade; no máximo, as coisas mudam de aparência.

15. Cf. *De Genesi ad litteram*, IV, 4, 8.

16. Obra escrita em 386. Cf. *De beata uita*, IV, 32-34.

cuja permanência e ser referem-se ao doador de ser, o criador.

Em *De Trinitate*, Agostinho define o Pai como "eternidade", ou seja, "suma origem de todas as coisas" ("*summa origo est rerum omnium*" — *De Trinitate*, VI, 10, 11). A primeira pessoa da Trindade não nasce de outro pai, ou então seria "*de Patre*", tal qual o Filho⁷; ou seja, ela é primordialmente. Quanto às criaturas, as características que as remetem ao Pai são o ser e a temporalidade da matéria. Ademais, tal como o Pai é a origem das formas, a criatura é apta a receber forma.

Em relação aos corpos, o Pai lhes confere a existência em limites de extensão. Para as almas irracionais, ele é o princípio de vida segundo o qual elas vivem e não perdem a vida. Quanto ao homem, o Pai é fonte da existência da matéria informe espiritual; não obstante, opera na conservação humana ao moderar as ações cujo avanço não deve ser irrevocável⁸. Logo, há uma associação entre Pai e medida. Sinônimo de modo, a medida está nas coisas que medimos e delimita o ser de cada criatura, segundo a Sabedoria e a Suma Bondade do Deus-Pai Criador.

Identificamos em Agostinho dois momentos da iluminação paterna. Ao criar, o Pai confere valor ontológico à matéria informe, em função da formação ou iluminação que ela recebera. Certamente, o ser de todas as criaturas, em seus gêneros determinados, é passível de iluminação – porque é, ainda que não esteja iluminado. Ademais, tendo se formado a matéria em diversas criaturas, o Pai faz com que estas tenham um estatuto ontológico a ser especificado pelo Filho. A medida é a origem, a referência e a base das dimensões sequentes, daí a sequência na qual a Bíblia dispõe os três vínculos de semelhança (medida, número e peso).

O segundo termo da tríade examinada, número, equivale a "forma", "*species*", "ideia" e "razão". Deus é "Número dos números" ou "formosíssimo"⁹, por atribuir formas aos seres criados de acordo com a Sabedoria. Hilário, em sua exegese, relaciona "número" a "*species* na Imagem" ("*species in imagine*" *apud De Trinitate*,

VI, 10, 11), ou seja, "beleza perfeitíssima" na Imagem ("*perfectissima pulchritudo*" *ibidem*). Segundo Agostinho, Hilário se reporta à imagem em total perfeição, isto é, aquela plenamente preenchida pelo modelo a ponto de tornar-se imagem igual¹⁰. Ora, na Trindade, o Filho define-se como imagem igual a do Pai¹¹, o que se traduz numa vida plena de ser e de inteligência. Nas palavras de Agostinho:

[...] [a imagem perfeita] é como o Verbo perfeito, ao qual nada falta, e uma certa arte do Deus onipotente e sábio, plena de todas as razões imutáveis dos [seres] viventes; e todas são uma nela, assim como ela é uma [nascendo] do uno, com o qual é uma. (*De Trinitate*, VI, 10, 11)¹²

Por silogismo, a Imagem é também o Verbo, o *principium* mencionado no *Gênesis* (1,1). O Filho-Verbo, sabemos, é o aspecto da Trindade outorgador de formas à matéria informe e cria o mundo com sabedoria¹³, estabelecendo um vínculo de semelhança entre as ideias (que estão na mente de Deus) e as criaturas (em si mesmas).

Nos corpos, o Filho investe a forma inamissível da corporalidade¹⁴ e as propriedades pelas quais cada entidade é o que é, enquanto distinguida de todas as outras. Ademais, as formas determinam as possíveis mudanças de aparência. Em relação às almas irracionais, o Filho define o poder pelo qual têm sensações, a concepção, o nascimento, o crescimento e a morte, segundo cada espécie e nas mais variadas manifestações. A ação filial atribui formas específicas (ou qualidades naturais) a cada classe de animais. Quanto aos homens, o Filho não somente determina a definição de homem como feito à imagem e semelhança de Deus, mas também estabelece, por assim dizer, as afecções e virtudes de que o ser humano pode dispor para superar a deformidade da ignorância e alcançar a forma e a beleza da sabedoria¹⁵.

Há coerência entre formação e sabedoria nos seres inteligentes. Em *Sobre a vida feliz*¹⁶, Agostinho defende que a sabedoria comporta uma medida, tanto no sentido de evitar o excesso e

os acúmulos de coisas e vícios inúteis à realização verdadeira do homem, quanto no de requerer a ultrapassagem de tudo que cause um exercício diminuído de suas capacidades (a exemplo da concupiscência, do orgulho e da avareza).

Ora, se a Sabedoria de Deus é o Filho de Deus, então o Filho é o Número em si. Assim, o Filho nasce do Pai e o Número (Sabedoria) nasce da suma Medida. O Pai é perfeitamente idêntico a si mesmo e o doador de ser. Agostinho refere-se ao Filho também como Verdade, e a relação do Pai-Medida com o Filho-Verdade retoma a relação com o Filho-sabedoria. Se o Filho é a imagem perfeita do Pai e o homem é imagem do Filho, este serve como Mediador para o homem viver, conhecer e ser feliz em sua medida. Gilson explica essa dinâmica:

Portanto, do mesmo modo que a Verdade é engendrada pela Medida, por isso também a Medida se faz conhecer pela Verdade. Pois a Verdade nunca esteve sem a Medida da qual procede, nem a Medida sem a Verdade que engendra. Portanto, quem é o Filho de Deus? Nós o dissemos: é a Verdade. E qual é essa Medida que nada engendra senão o Pai? (GILSON, 1987, p. 5)

O terceiro conceito a ser examinado, o de peso (*pondus*), estabelece a semelhança das criaturas com respeito ao Espírito. Com efeito, cada criatura tem peso próprio, em decorrência do qual se move para fins determinados. A despeito da mutabilidade material, o peso age como uma força que entranha e arrasta todas as coisas para o repouso (ou estabilidade), organizando-as no universo em lugares distintos, e consiste nas tendências diversas que estas apresentam de acordo com as formas recebidas do Filho. Nessa dinâmica, todas as coisas submetem-se a seus pesos e compõem a ordem singular e universal¹⁷. Na criatura, o peso é o correlato da lei divina.

Peso e ordem são noções solidárias. A ordem integral do universo engloba todos os seres em níveis hierárquicos distintos¹⁸ de acordo com o poder (*potestas*) que têm: as naturezas

superiores devem subordinar as inferiores. Com efeito, o homem supera os animais em virtude da razão; a alma é melhor do que o corpo por lhe conferir formas¹⁹.

Ademais, enquanto dimensão metafísica dos seres, o *pondus* define o universo de Agostinho como dinâmico. Nas palavras de Roche:

A hierarquia de Agostinho não é uma classificação estática, mas um intercâmbio dinâmico de forças conspirando para um fim único, no qual o maior inclui o menor em uma forma mais elevada, e no qual o mais elevado subordina o inferior, para alcançar, primeiro sua própria perfeição, e segundo a perfeição do todo. O fim de todas as criaturas é Deus, que é manifesto na perfeição das coisas. (ROCHE, 1941, p. 369)

Assim, pela ordem, todos os seres participam de Deus e o pensamento pode se elevar ao "Peso dos pesos", tal como ocorre quanto à medida e ao número²⁰.

Agostinho refere-se a Hilário, segundo o qual o peso equivale à terceira pessoa da Trindade e pode ser dito "uso no Dom" ("*usus in Munere*" – *De Trinitate*, VI, 10, 11). *Usus* refere-se à fruição, ao amor sublime, alegria peculiar ao inefável abraço do Pai com a Imagem. Este seria o modo mais conveniente possível encontrado por Hilário para se referir ao que Agostinho designa como prazer, felicidade e comunhão indescritíveis, relacionadas com o Espírito Santo da Trindade divina. Nesse sentido, o Espírito não é criado, mas consiste na própria doçura do Pai e do Filho na Trindade. Ele se manifesta também no amor presente na natureza de todas as criaturas, é a *suavitas* nelas presente, ou seja, o que há e sutilmente agrada nossas mentes, uma atração peculiar e magnetizadora destas²¹. Tal "gozo beatíssimo"²², superabundante, inunda por sua *largitate* (largueza, prodigalidade, liberalidade, generosidade, doação universal, redenção) e *ubertate* (abundância, fecundidade, fertilidade, plenitude) todas as criaturas, aproximando-as de Deus, em proporção e a favor da capacidade de cada uma delas, mantendo a criação ordenada. O Espírito:

17. "[...] em última análise, [seus pesos] definem a relação dinâmica do ser singular com o universo e com Deus" (AGAËSSE; SOLIGNAC, 2000, p. 636). Cf. *De ordine libri duo*, x, 28 e PACIONI (1999, p. 599).

18. A ordem concerne à criação hierarquizada e boa, composta de criaturas singulares que, quando formadas e distinguidas, recebem também um lugar na hierarquia dos seres. Cf. *De Genesi contra manichaeos*, I, 3, 5 e II, 29, 43; *De Genesi ad litteram imperfectus liber*, III, 10; *Confessiones*, XII, 17, 26.

19. *De Genesi contra manichaeos*, I, 25, 43. A ordem guarda a beleza daquilo em que se apresenta e a ordem universal é sobremaneira boa, ao passo que a ordem de cada ser singular é boa (cf. *De Genesi contra manichaeos*, I, 21, 32).

20. Nas *Retratações*, comentando seu *Diálogo sobre a ordem*, Agostinho afirma que a *ordo studiorum* é um modo de proceder a essa elevação (cf. *Retractionum libri duo*, I, 3).

21. Segundo o *Oxford Latin dictionary* (GLARE, 2005, p. 1833-34), *suavitas* qualifica o que é agradável aos sentidos e também é atraente, de modo ausente de desagrado, à mente.

22. "*beatissima delectatio*" (*De Trinitate*, VI, 10, 12).

Não é gerado, mas é a suauitas do gerador e do gerado, inundando com grande amplidão e abundância todas as criaturas, à proporção (pro) da capacidade delas. (De Trinitate, VI, 10, 11)²³

23. “[...] non genitus, sed genitoris, genitique suauitas, ingenti largitate atque ubertate perfundens omnes creaturas pro captu earum” (*De Trinitate*, VI, 10, 11). Na introdução ao *De Trinitate* publicado na coleção *Bibliothèque Augustinienne*, Hendrikx elucida as missões de cada pessoa da Trindade: “A Escritura fala constantemente de missões das três Pessoas divinas. Essas missões ocorrem no tempo. Toda missão comporta uma dependência daquele que é enviado em relação àquele que envia. Nas Pessoas divinas, a missão indica suas origens: o Pai nunca é enviado; o Filho é enviado unicamente pelo Pai; o Espírito Santo, pelo Pai como pelo Filho. Assim, o Pai é *ingenitus*; o Filho é *unigenitus*. O Espírito Santo é o Espírito do Pai e do Filho; e é enviado pelos dois, aos dois deve sua origem” (HENDRIKX, 1997, p. 52).

24. Cf. *De Genesi ad litteram*, IV, iv, 8.

25. Cf. *Retractionum libri duo*, II, 41.

26. “Oportet igitur ut Creatorem, per ea quae facta sunt intellecta conspicientes (*Rm* 1,20), Trinitatem intelligamus, cuius in creatura, quomodo dignum est, apparet uestigium.”

Aos corpos, o Espírito confere o peso que os ordena para alcançarem e repousarem em seus lugares naturais, conforme sua natureza. Já nas almas irracionais, o peso é o movimento pelo qual são apetentes — dele vem o apetite mediante o qual as criaturas buscam seus fins. Quanto ao ser humano, o peso manifesta-se como vontade e amor. Ele pondera o que deseja, evita, estima mais ou menos²⁴. Assim, descansa na posse de seu bem maior, ou, se não o possui, busca-o pelo amor. O bem maior reside na felicidade alcançada pela adesão a Deus, e a aspiração a esse fim é o peso humano. Nesse horizonte, eles devem moldar sua vontade conforme seu correlato seja bom ou mau para alcançar seu repouso em Deus.

O homem se vê e se conhece como parte do universo regido por Deus; sabe-se convocado para se colocar em seu lugar numa ordem universal, à qual tem o dever de se subordinar. Quando possui algo inferior ao que é próprio de sua natureza humana, abandona seu bem e se perde em sua ordem própria. Mas não por isso escapa à ordem universal e tampouco a altera.

Há, portanto, uma semelhança das três dimensões estudadas presente em todas as criaturas como insígnias das ações das três pessoas da Trindade. Toda criatura é semelhante ao Pai doador de ser; recebendo especificações, assemelha-se às ideias que estão na Sabedoria, ao Filho; por sua vez, a união entre o ser e as ideias é a semelhança que as criaturas conservam com o Espírito Santo.

Os vestígios divinos são também iluminações, porque, conforme Agostinho, Deus cria, mantém e organiza as criaturas, iluminando-as. As mais semelhantes à Trindade são de natureza espiritual, isto é, inteligível, porque são capazes de ver a Sabedoria de Deus; por isso podem conhecer Deus e, então, alcançar a maior felicidade. Nesse caso, são o máximo de

semelhança de que são capazes as criaturas e estão plenamente presentes à iluminação divina.

A semelhança é também uma ponte estabelecida pelo todo-poderoso, mas não suprime o abismo entre o Ser Eterno e as criaturas mutáveis. O bordão de toda a reflexão sobre o Deus iluminador e as criaturas iluminadas estabelece, a cada passo, a superioridade incomensurável de Deus. A superioridade divina também se reafirma quando Agostinho diz que a visão final não é adquirida pelo homem, mas concedida por Deus, quando e como este quiser²⁵.

Dentre as criaturas, o ser humano eleva-se das efígies divinas, as quais percebe nas coisas inferiores e exteriores, e adere à vereda pela qual se aproxima gradualmente, e cada vez mais, do que lhe é mais íntimo e superior, até, enfim, alcançar o gozo da visão eterna de Deus.

Portanto, a alma racional volta-se às coisas medíveis, para ver a Medida nas medidas, e chegar a contemplar a Medida das medidas, ela mesma sem medida. E o processo repete-se das coisas enumeráveis à visão do Número, assim como das coisas ponderáveis à contemplação do Peso.

Tais vestígios divinos são decifrados pelo homem por meio da visão intelectual, como revela a citação, recorrente no contexto da busca humana pelo conhecimento de Deus, da *Epístola de Paulo aos Romanos (Rm 1,20)*:

Portanto, como o Criador se faz visível ao intelecto pelas coisas que foram feitas (Rm 1,20), é necessário entendermos a Trindade, cujo vestígio aparece na criatura, como convém. (De Trinitate, VI, 10, 12)²⁶

Isso se deve à capacidade racional e amorosa de realizar esse movimento em si mesmo: ao ver as imagens das criaturas, a mente é iluminada por Deus e interpreta a visão das coisas verdadeiramente, podendo, a partir da Luz que brilha no íntimo, ascender por rastros luminosos de semelhanças para ver a Semelhança em si (o Filho). Do início ao termo, tal marcha pressupõe a ação da Trindade iluminando intimamente o homem (capaz, inteligente e amante de Deus) e também corresponde ao

processo de formação do homem em suas três dimensões: a atualização da memória de Deus, a contemplação da Sabedoria e o gozo da caridade.

Por ser imagem divina, o homem só se forma ao mirar e refletir plenamente seu modelo, quando ocorre, então, a reunião do homem criado com aquilo que ele foi feito para ser. Em última análise, essa união é, em grau máximo, uma adesão ao ser, pois a imagem não tem identidade própria.

Dado esse panorama, a Luz divina ilumina todas as criaturas, racionais ou não (animadas ou brutas), atribuindo-lhes ser, forma e peso. Portanto, seu escopo ultrapassa o âmbito do conhecimento, pois ilumina seres irracionais e incide sobre a vontade humana, como queríamos demonstrar. Para finalizar, tomamos a liberdade de ser redundantes e citamos novamente o texto de *Contra o maniqueu Fausto*:

[...] esta luz não é aquela luz que é Deus; com efeito, esta é criatura, aquela é o Criador; esta é feita, aquela quem fez; enfim, esta é mutável porque quer o que não queria, e sabe o que não sabia, e lembra o que havia esquecido, mas aquela persiste imutável vontade, verdade e eternidade e, então, para nós é o início do existir, a razão do conhecer, a lei do amar; então, para todos os seres animados e irracionais, é a natureza pela qual vivem, é o vigor pelo qual sentem, é o movimento pelo qual vão à busca. Então, também para todos os corpos é a medida para que subsistam, o número para que sejam embelezados, o peso para que sejam ordenados. Portanto, aquela luz é a Trindade inseparável, é o Deus Uno. (*Contra Faustum manichaeum*, XX, 7)²⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

AUGUSTINUS HIPPONENSIS. *De Trinitate libri quindecim*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia. Editio latina. Patrologia Latina, v. 42.) Disponível em: <<http://www.augustinus.it/latino/trinita/index2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2010.

_____. *Contra Faustum manichaeum libri triginta tres*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia Editio latina. Patrologia Latina, v. 42.) Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/contro_fausto/index2.htm>. Acesso em: 3 maio 2010.

_____. *Contra Fausto manicheo*. (Tutte le opere. Versione italiana. Polemici.). Disponível em: <http://www.augustinus.it/italiano/contro_fausto/index2.htm>. Acesso em: 3 maio 2010.

_____. *De Genesi ad litteram libri duodecim*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia. Editio latina. Patrologia Latina, v. 34.) Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/genesi_lettera/index2.htm>. Acesso em: 3 maio 2010.

_____. *De Genesi contra manichaeos libri duo*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia. Editio latina. Patrologia Latina, v. 34.) Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/genesi_dcm/index2.htm>. Acesso em: 3 maio 2010.

_____. *De Genesi ad litteram imperfectus liber*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia. Editio latina. Patrologia Latina, v. 34.) Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/genesi_incompiuto/index.htm>. Acesso em: 3 maio 2010.

_____. *De ordine libri duo*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia. Editio latina. Patrologia Latina, v. 32.) Disponível em: <<http://www.sant-agostino.it/latino/ordine/index2.htm>>. Acesso em: 10 maio 2010.

_____. *De natura bona contra manichaeus librer unus*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia. Editio latina. Patrologia Latina, v. 32.) Disponível em: <<http://www.sant-agostino.it/latino/ordine/index2.htm>>. Acesso em: 10 maio 2010.

_____. *Retractationum libri duo*. (S. Aurelii Augustini Opera Omnia. Editio latina. Patrologia Latina, v. 42.) Disponível em: <http://www.sant-agostino.it/latino/natura_bene/index.htm>. Acesso em: 10 maio 2010.

SAINT AUGUSTIN. *La Trinité*. Texte de l'édition bénédictine. Traduction et notes par M. Mellet (O.P.), et Th. Camelot (O.P.). Introduction par E. Hendriks (O.E.S.A.). Avant-propos de G. Madec. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1997. (Bibliothèque Augustinienne, v. 15 e 16.)

_____. *Les Confessions*. Texte de l'édition de M. Skutella (1934). Introduction et notes par A. Solignac et G. Bouissou. Traduction de E. Théorel et G. Bouissou. Paris: Desclée de Brower, 1962. (Bibliothèque Augustinienne, v. 13 e 14.)

_____. *Sur la Genèse contre les Manichéens; Sur la Genèse au sens littéral, livre inachevé*. Le texte latin est, pour le *De Genesi contra Manichaeos*, celui des Mauristes (cf. PL 34, 173-220), révisée par Pierre Monat d'après les travaux de Peter Abulecz, Michael Gorman et D. Weber (CSEL 91). Pour réviser le texte latin du *De Genesi ad litteram imperfectus liber* de J. Zycha (CSEL 28,1), Pierre Monat a tenu compte des notes critiques de M. Gorman et B. Alexanderson. Paris: Institut d'Études Augustiniennes / Centre National du Livre, 2004. (Bibliothèque Augustinienne, v. 50.)

_____. *La Genèse au sens littéral*, livres I-VII. Le texte latin reproduit, avec quelques corrections, celui

27. "[...] hoc lumen non est lumen illud, quod est Deus; hoc enim creatura est, Creator est ille; hoc factum, ille qui fecit; hoc denique mutabile dum uult quod uolebat; et scit, quod nesciebat et reminiscitur, quod obtlitum erat illud autem incommutabili uoluntate, ueritate, aeternitate persistit; et inde nobis est initium existendi, ratio cognoscendi, lex amandi, inde omnibus et irrationalibus animantibus natura, qua uiuunt, uigor, quo sentiunt, motus, quo adpetunt; inde etiam omnibus corporibus mensura, ut subsistant, numerus, ut ordinentur, pondus, ut ordinentur. Itaque lumen illud Trinitas inseparabilis, unus Deus est."

de J. Zycha dans *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, vol. 28, pp. 3-228. Traduction, introduction et notes par P. Agaësse et A. Solignac. Paris: Brepols, 2000. (Bibliothèque Augustinienne, v. 48.)

_____. *La Genèse au sens littéral*, livres VIII-XII. Le texte latin reproduit, avec quelques corrections, celui de J. Zycha dans *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, vol. 28, pp. 3-228. Traduction, introduction et notes par P. Agaësse et A. Solignac. Paris: Brepols, 2001. (Bibliothèque Augustinienne, v. 49.)

SANTO AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis: Comentário Literal ao Gênesis, Sobre o Gênesis contra os Maniqueus e Comentário Literal ao Gênesis*, Inacabado. Tradução de frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

Demais referências

AGAËSSE, P.; SOLIGNAC, A. (2000) Measure, nombre et poids. In: SAINT AUGUSTIN. *La Genèse au sens littéral*, livres I-VII. Traduction, introduction et notes par P. Agaësse et A. Solignac. Paris, Brepols. Nota complementar 18, p. 635-639. (Bibliothèque Augustinienne, v. 48.)

AYRES, L. (1999) Measure, number, and weight. In: FITZGERALD, A. (General ed.) *Augustine through the ages: an encyclopedia*. Grand Rapids (Michigan) / Cambridge (UK), William B. Eerdmans. p. 550-552.

BOURKE, V.J. (1992) *Wisdom from St. Augustine*. Houston: Center for Thomistic Studies, University of St. Thomas. Chapter "Moral illumination".

CAYRÉ, F. (1947) *Initiation à la philosophie de Saint Augustin*. Paris, Desclée de Brouwer.

DOUCET, D. (1999) La problématique de la lumière chez Augustin. *Bulletin de Littérature Ecclesiastique*, Toulouse, Institut Catholique de Toulouse, tome C, p. 31-58.

DU ROY, O. (1966) *L'intelligence de la foi en la Trinité*

selon Saint Augustin: genèse de sa théorie jusqu'en 391. Paris, Études Augustiniennes.

GILSON, E. *Introduction à l'étude de Saint Augustin*. Paris, J. Vrin, 1987.

GLARE, P. G. (Ed.). *Oxford Latin dictionary*: Oxford, OUP, 2005.

HENDRIKX, E. (O.E.S.A.). (1997) Introduction. In: SAINT AUGUSTIN. *La Trinité: livres I-VII*. Paris, Institut d'Études Augustiniennes. (Bibliothèque Augustinienne, v. 15.)

KOCH, I. *Image et dissemblance: étude sur la notion d'image chez Plotin et saint Augustin*. Thèse de Doctorat en Philosophie présentée par Mlle Isabelle Koch sous la direction de Mme Annick Charles-Saget. Université de Nanterre – Paris X. [s.d.]

MELLET, M. (O.P.); CAMELOT, T. (O.P.). (1997) Tableau des "similitudines et imagines". In: SAINT AUGUSTIN. *La Trinité*. Paris, Institut d'Études Augustiniennes. (Bibliothèque Augustinienne, v. 15.)

PACIONI, V. Order. (1999) In: FITZGERALD, A. (General ed.) *Augustine through the ages: an encyclopedia*. Grand Rapids (Michigan) / Cambridge (UK), William B. Eerdmans, p. 598-599.

ROCHE, W.J. (1941) Measure, number and weight in s. Augustine. *The New Scholasticism*, n. 15, p. 353-361.

THONNARD, F.-J. (1962) La notion de lumière en philosophie augustiniennne. *Recherches Augustiniennes*, Paris, v. 2, p. 125-175. (Supplément à la Revue des Études Augustiniennes.)

VANNIER, M.-A. (1997) *'Creatio', 'conuersio', 'formatio' chez s. Augustin*. Fribourg: Éditions Universitaires Fribourg.

Recebido em janeiro de 2011,
aprovado em junho de 2011.

Anexo 1. Tabelas das semelhanças e imagens trinitárias

Reportamo-nos principalmente à tabela apresentada na edição francesa do *De Trinitate*,

publicada na coleção Bibliothèque Augustinienne (MELLET; CAMELOT, 1997, nota complementar 11, p. 571). As células alteradas ou acrescentadas serão seguidas de asterisco ou de notas de rodapé com as devidas referências²⁸.

	Pai	Filho	Espírito Santo	Fonte
Nomes de Deus ²⁹	- Pater - Creator - Mittens	- Filius - Verbum, revelação de Deus em si mesmo e fora; - Imago - Sapientia ³⁰ - Missus - Mittens	- Spiritus ³¹ - Sanctus - Donum - Pignum - Amor ³² - Sanctitas - Nexus - Missus	Hendrixx (1997, p. 54).
Quanto à origem	Ingenitus	Unigenitus	Enviado pelo pai e pelo Filho	Hendrixx (1997, p. 53).

28. As tabelas estão em conformidade com o levantamento de Gilson (1987, p. 282, nota 2): "Agostinho propôs sucessivamente os *vestigios* mais diversos da Trindade, sem que nenhum excluísse os outros: *mesura, numerus, pondus*, no *De Trinitate*, XI, 11, 8; vol. 42, col. 998. – *unitas, species, ordo*, no *De vera religione*, VII, 13; vol. 34, col. 129. – *esse, forma, manentia*, na *Epistula II*, 3; vol. 33, col. 76. – *modus, species, ordo*, no *De natura boni contra manichaeos*, III; vol. 42, col. 553. – *quo res constat, quo discernitur, quop congruit*, no *De diuersis quaestionibus octoginta tribus*, XVIII, vol. 40, col. 15. – As três partes da filosofia: *physica, lógica, ethica* ou *naturalis, rationalis, moralis*, a que ele se referem as três excelências de Deus como *causa subsistendi, ratio intelligendi e ordo uiuendi*, no *De ciuitate Dei*, XI, 25; vol. 41, col. 338-339; - no homem exterior, a trindade da *cogitatio*, que compreende *memoria sensibilis, interna uisio, uoluntas quae utrumque copulat*, no *De Trinitate*, XI, 3, 6; vol. 42, col. 988; essa trindade ressalta o homem exterior a causa do caráter sensível de seu dado inicial: sobre a *cogitatio* assim entendida, *ibid.*, 8, 13-15: col. 994-996. – Encontrar-se-ão no livro de M. Schmaus (*op. cit.*, p. 190-194) analogias sensíveis ainda mais modestas, como *fons, fluuius, potio* e outras análogas".

29. Nomes próprios para as Pessoas divinas constam nas Escrituras e na tradição exegetica em que Agostinho se insere. Eles destacam as características peculiares a cada uma delas, tanto quanto às respectivas origens como no âmbito de suas manifestações exteriores (missões). Segundo Hendrixx (1997, p. 53, "c" noms propes), elas diferem pela origem: o Pai não é originado, o Filho nasce do Pai e o Espírito Santo deve sua origem ao Pai e ao Filho.

30. "[...] as três pessoas são sabedoria, mas a palavra convém especialmente ao Filho" (HENDRIKX, 1997, p. 54).

31. "[...] as três Pessoas são Espírito, mas a terceira é especialmente" (HENDRIKX, 1997, p. 54).

32. "[...] indicam a atividade santificadora do Espírito Santo no mundo e, por outro lado, seu lugar pessoal na vida íntima de Deus (amor, vontade)" (HENDRIKX, 1997, p. 54).

SIMILITUDINES
No ser em geral

	Pai	Filho	Espírito Santo	Ano	Livro
	esse	<i>species</i> (forma: ut hoc uel illud sit)	<i>manentia</i> (ut in eo ipso, quod est maneat)	389	<i>Epistula XI, 3</i>
ens	<i>quo constat</i>	<i>quo discernitur</i>	<i>quo congruit</i>	390	<i>De diuersis quaestionibus octoginta tribus, XVIII</i>
ueritas	<i>utrum sit</i>	<i>utrum hoc an aliud sit</i>	<i>utrum approbandum improbandumue sit</i>	390	<i>idem</i>
creatura	esse	<i>speciem suam habere (specie propria discernatur a caeteris)</i>	<i>ordinatissime administrari (rerum ordinem non excedat)</i>	391	<i>De uera religione, VII, 13</i>
	<i>modus</i>	<i>species</i>	<i>ordo</i>	399	<i>De natura boni, III, 3</i>
	<i>unitas</i>	<i>species</i>	<i>ordo</i>	400 (-415)	<i>De Trinitate, VI, x, 12</i>
	<i>mensura</i>	<i>numerus</i>	<i>pondus</i>	403 (-415)	<i>De Trinitate, XI, xi, 18</i>

No "conhecer" e no "poder"

	<i>ingentium</i>	<i>doctrina</i>	<i>usus</i>	403 (-415)	<i>De Trinitate</i> , X, xi, 17
	<i>ingentium</i>	<i>scientia</i>	<i>fructus</i>	417	<i>idem</i>
em geral:	<i>natura</i>	<i>doctrina</i>	<i>usus</i>	417	<i>De ciuitate Dei</i> , XI, xxv
em relação a Deus:	<i>quis fecerit</i>	<i>per quid fecerit</i>	<i>propter quid fecerit</i>	417	<i>De ciuitate Dei</i> , XI, xxiv
	<i>origo</i>	<i>informatio</i>	<i>beatitudo</i>	417	<i>idem</i>
	<i>conditio</i>	<i>illuminatio</i>	<i>fruitio</i>	417	<i>idem</i>
	<i>naturae causa</i>	<i>scientiae forma</i>	<i>uitae summa</i>	417	<i>idem</i>
em relação a nosso conhecimento de Deus	<i>physica</i> (<i>philosophia naturalis</i>)	<i>logica</i> (<i>philosophia rationalis</i>)	<i>ethica</i> (<i>philosophia moralis</i>)	417	<i>De ciuitate Dei</i> , XI, xxv

IMAGINES

No homem exterior

	<i>res</i>	<i>uisio</i>	<i>intentio</i>	403 (-415)	<i>De Trinitate</i> , X, ii, 2-5
	<i>memoria</i>	<i>interna uisio</i>	<i>uoluntas</i>	403 (-415)	<i>De Trinitate</i> , X, iii, 6 – iv, 7

No homem interior

	<i>esse</i>	<i>nosse</i>	<i>uelle</i>	398 e 417	<i>Confessiones</i> , XII, xi, 12 <i>De ciuitate</i> <i>Dei</i> , XI, 26-28
	<i>mens</i>	<i>notitia</i>	<i>amor</i>	402 (-415)	<i>De Trinitate</i> , IX, ii, 2 – v, 8.
	<i>memoria (sui)</i>	<i>intelligentia</i>	<i>uoluntas</i>	403 (-415)	<i>De Trinitate</i> , X, xi, 17 – xii, 19.
	<i>memoria (de</i> <i>Deo)</i>	<i>intelligentia Dei</i>	<i>amor (in</i> <i>Deum)</i>	405 (-419)	<i>De Trinitate</i> , XIV, viii, 11 – xii, 16; cf. iv, 6.